REDES:

alinhamento conceitual

Organizadores
Danielle Nunes Ramos
Clarissa Stefani Teixeira

VIA

REDES: alinhamento conceitual

Organizadores
Danielle Nunes Ramos
Clarissa Stefani Teixeira

Autores
Danielle Nunes Ramos
Clarissa Stefani Teixeira
Marcio Vieira de Souza
Rayse Kiane de Souza

Design e edição
Mariana Barardi

R185r

Redes: Alinhamento Conceitual [recurso eletrônico] / Danielle Nunes Ramos; Clarissa Stefani Teixeira. (Orgs.). –
Florianópolis: Perse, 36p.: il. 2018
1 e-book

Disponível em: < http://via.ufsc.br/ >
ISBN 978-85-53182-15-2

1. Redes. 2. Redes Nacionais. 3. Redes Internacionais. I. Teixeira. Clarissa Stefani II. Ramos. Danielle Nunes. III. Souza. Marcio Vieira de. IV. Souza. Rayse Kiane de. V. Via Estação do conhecimento. VI. Título.

CDU: 02

Esta licença permite a redistribuição, comercial e não comercial, desde que o trabalho seja distribuído inalterado e no seu todo, E book

Ficha catalográfica elaborada por:
Milena Maredmi Correa Teixeira - CRB-SC 14/1477

CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL

O desenvolvimento das organizações é fundamental para a competitividade dos países, principalmente na situação atual com a economia globalizada e uma sociedade que passou das eras industriais, da informação para a era do conhecimento (PORTER, 1990). Porém, ainda nos dias de hoje muitas organizações enfrentam dificuldades, dos mais diversos tipos, não apenas para acessar capital, realizar inovações, identificar tendências mundiais de mercado, mas também para sobreviverem. As necessidades das organizações resultam em necessidades de recursos econômicos e financeiros que impactam nas diversas estratégias organizacionais e muitas vezes impactam na tomada de decisão de gestores.

Advindo das dificuldades encontradas nestes âmbitos, nos últimos anos, novos processos estão se formando com o objetivo de otimizar as ações. As formas organizacionais retrógadas estão dando espaço ao progresso de estratégias e estruturas em rede (VERSCHOORE; BALESTRIN, 2008). Trabalhar em rede é um processo que organiza e mantém colaborações eficientes. Entretanto, apenas nos últimos anos é que se tem observado aumento de estudos que enfocam o tema (BALESTRIN, VERSCHOORE; REYES JÚNIOR, 2010). Os mesmos

autores afirmam que entre o ano 2000 até 2006, mais de uma centena de trabalhos relacionados ao tema de redes de cooperação interorganizacional foi publicado no Brasil. Porém, de acordo com Miles e Snow (1986), o aparecimento das redes começou a partir dos anos 80, pois a virada do século apresentava um conjunto de exigências competitivas em relação às empresas.

Autores como Amato Neto (2000) e Tálamo e Carvalho (2010) indicam que a fim de enfrentar o ambiente de incertezas as organizações adotam programas que se estruturam em redes. Araújo et al. (2010) indicam que a formação das redes representa uma estratégia fundamental de disseminação e consolidação da cultura, permitindo a troca de informações, experiências, bem como interações entre as instituições que as compõem, visando o aprimoramento de suas ações. Além disso, para os mesmos autores, a construção de redes viabiliza e facilita a capacitação dos profissionais, formando multiplicadores de conhecimento na temática da rede e age ainda no aprimoramento de suas ações no âmbito da proteção e transferência do conhecimento e na gestão.

Castells e Cardoso (2005) afirmam que a sociedade em rede se manifesta de distintas maneiras conforme a cultura, as instituições e a trajetória histórica de cada sociedade e que a comunicação em rede ultrapassa fronteiras, ou seja, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Além disso, descrevem que aquilo que a sociedade define como globalização é outra maneira de se referir à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede implica.

Para Capra (2002, p.267) as funções dos processos sociais se organizam cada vez mais em torno de redes. Estas organizações se tornaram, segundo o mesmo autor, um fenômeno social importante e uma fonte crítica de poder. No campo organizacional as redes atuam para reunir atributos que permitam uma adequação ao ambiente competi-

tivo em uma estrutura dinâmica, sustentada por ações uniformizadas, mas descentralizadas, que facilite ganhos de escala da união, porém que impeça que as empresas envolvidas percam a flexibilidade do porte enxuto (THOMPSON, 2003).

A literatura já vem abordando os objetivos de um trabalho em rede e autores como Balestrin, Verschoore e Reyes Júnior (2010) indicam que as redes que mantêm relações interorganizacionais demonstram diferentes soluções das formas tradicionais para resolução de problemas, fato este facilitador da realização de ações conjuntas e a transação de recursos para obtenção de um objetivo organizacional.

Ao se tornarem um mecanismo para a difusão da inovação por meio da colaboração e interação, as redes são uma nova forma de organização para a geração do conhecimento. Autores como Küppers e Pyka (2002) indicam que as redes possuem três implicações-chaves:

- estabelecem um dispositivo de coordenação que facilita e apoia a aprendizagem interempresarial;
- permitem a exploração de complementaridades, fundamental para dominar soluções tecnológicas que se caracterizam pela complexidade e diversidade de áreas de conhecimento envolvidas;
- compõem um ambiente organizacional (ou interorganizacional) que proporciona a possibilidade da exploração de sinergias pela união de diferentes competências tecnológicas.

CONFIGURAÇÃO DAS INTERAÇÕES EM REDES

Kuppers e Pyka (2002) afirmam que as estruturas em rede colaboram com a disseminação do conhecimento por produtores, fornecedores e usuários de distintas organizações e permitem a instantânea troca de informações e os processos decisórios conjuntos.

Ao se estruturarem sob a forma de redes, as organizações podem estabelecer agrupamentos baseados na hierarquia, na qual prevalece a forma de governança entre os integrantes, ou na formalização, classificadas conforme a ocorrência de instrumentos legais de regulação. Autores como Silva e Heber (2014) e Wagner et al. (2014) consideram que muitas redes podem ter uma estrutura informal, mas marcada pela confiança e pelas relações interpessoais que possibilitam o aprendizado e a formação de acordos. Silva e Heber (2014) indicam ainda que existem redes formais cuja a natureza das relações e as características da associação são delineadas em termos contratuais. Grandori e Soda (1995) e Olave e Amato Neto (2001) definem que essa tipologia de redes pode ser considerada como sendo Redes Sociais cujos relacionamentos dos integrantes não são regidos por nenhum tipo de contrato formal ou acordo. Câmara, Rocha e Ipiranga (2006) consideram que as redes informais apresentam uma dimensão da conivência. Estas redes permitem os encontros informais entre

os atores econômicos (empresas, organizações profissionais, instituições, universidades, associações, etc) portadores de preocupações semelhantes. Esses reencontros permitem trocar experiência e informação sobre as bases da livre participação.

Gandori e Soda (1995) consideram ainda que as redes podem ser divididas em sociais simétricas (inexistência de poder centralizado) e em assimétricas (presença de um agente central). Neste mesmo interim, Storper e Harrison (1991) classificam as redes estabelecidas, conforme o grau de hierarquia, em quatro formas básicas, assim como segue:

- **Redes simétricas ou flexíveis:** não há qualquer espécie de hierarquia entre os integrantes, são igualitários na relação entre eles.
- **Redes levemente assimétricas com coordenação:** há um leve grau de hierarquia devido à relativa influência da organização coordenadora, porém limitada e não é fator determinante da sobrevivência das organizações participantes da relação.
- **Redes assimétricas com empresa líder:** há forte assimetria hierárquica entre a organização líder e os integrantes, cuja sobrevivência é imposta à estratégia da organização líder.
- **Redes hierárquicas:** estruturadas através da plena formalidade entre a organização líder e as outras integrantes.

De acordo com o grau de formalização legal estabelecido entre os integrantes, Fusco (2005) estabelece seis formas de organização, sendo as possibilidades: sociais, burocráticas e proprietárias, assim como ilustra a Figura 1.

Redes sociais simétricas: não há instrumentos legais, tal como um contrato, que vincule os integrantes; cada integrante tem liberdade para aderir ou desligar-se da rede a qualquer momento. Todos têm o mesmo poder decisório, formando um agrupamento de caráter essencialmente social

Redes sociais assimétricas: os integrantes regulam sua parceria por meio de contratos que estabelecem apenas a troca de bens e serviços, mas ainda há a liberdade de um integrante aderir ou desligar-se da rede a qualquer momento

Redes burocráticas simétricas: são reguladas por contratos formais com cláusulas que estabelecem relações, direitos, obrigações, formalização de trocas e acordos e a proteção dos direitos individuais dos integrantes

Redes burocráticas assimétricas: há instrumentos legais voltados ao alinhamento estratégico dos integrantes aos interesses do agente gestor, com estabelecimento de direito, transferência de conhecimento e padronização de serviços e informações entre os integrantes

Redes proprietárias simétricas: os integrantes estabelecem uma nova configuração jurídica como forma de equilíbrio de conhecimentos e capitais. Os acordos e direitos à propriedade dos integrantes são estabelecidos por contratos formais e cláusulas específicas

Redes proprietárias assimétricas: neste caso há o "risco" envolvido, adicionalmente às características presentes nas redes proprietárias simétricas. Neste tipo de agrupamento, há um investidor e a empresa como parceiros de risco

Figura 1 - Formalização das redes.
Adaptado de: Grandori e Soda (1995).

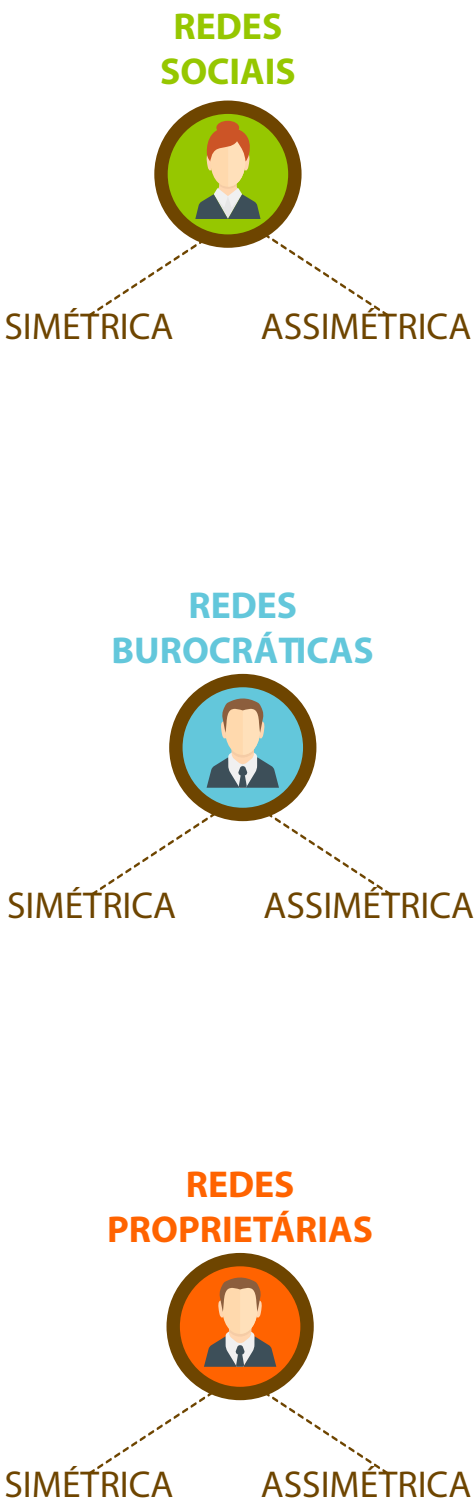


Figura 2 - Formas de interação entre organizações.
Fonte: Adaptado de Camarinha-Matos e Afsarmanesh (2008).

Para Camarinha-Matos e Afsarmanesh (2008) as interações realizadas nas redes são muitas e estas podem se configurar de forma diferenciada. Os mesmos autores indicam essas diferenças assim como segue:

- **Rede de organizações (networking):** baseada nas interações de comunicação e troca de informações entre organizações para uso individual. Pode ocorrer mesmo sem haver objetivos comuns entre os participantes.
- **Rede coordenada:** mantém a premissa de que não existem objetivos específicos comuns, contudo existe uma coordenação do compartilhamento de informações para haver o alinhamento dessas atividades de modo a se obter resultados mais eficazes.
- **Rede de cooperação:** consiste na divisão de atividades específicas entre os participantes. Existe o intercâmbio de informações e redirecionamento das atividades como nos casos anteriores, mas inclui aqui o compartilhamento de recursos para atingir as metas definidas.
- **Rede de colaboração:** ocorre quando os parceiros trabalham juntos para planejar, implementar e avaliar os processos interorganizacionais que definem os princípios e métodos para compartilhar informações e recursos de modo a se atingir objetivos comuns e, ao mesmo tempo, fortalecer as capacidades individuais de cada parceiro. Age como uma identidade única onde os riscos, recursos e responsabilidades são compartilhadas com o intuito de alcançar os benefícios que motivaram a criação da rede de colaboração.

Permeando estas configurações e formas, Carvalho, Serra e Laurindo (2003) destacam as ações conjuntas (join actions) entre as organizações integrantes de uma rede, de acordo com o tipo de cooperação existente entre os integrantes, estabelecendo:

- **Cooperação horizontal:** ocorre entre duas ou mais empresas competidoras entre si, dentro de uma rede já estruturada. Por sua própria configuração, as redes de cooperação horizontal são encontradas com maior frequência entre as organizações de uma rede simétrica.
- **Cooperação vertical:** ocorre entre organizações integrantes de uma cadeia vertical. Neste caso, também por sua configuração, é mais frequente dentro das redes hierárquicas.

Verschoore e Balestrin (2008) indicam que os ganhos competitivos se associam a escala e poder de mercado, acesso a soluções, aprendizagem e inovação, redução de custos e riscos, relações sociais. Os mesmos autores ainda apresentam um esquema analítico de compreensão do fenômeno baseado em duas características determinantes em qualquer rede: tempo de existência e número de associados. Assim, a Figura 3 ilustra a geração de ganhos competitivos.

Figura 3 - Geração de ganhos competitivos das redes.

Fonte: Verschoore e Balestrin (2008).

Independentemente das tipologias, observa-se que há benefícios de uma atuação em rede. Rossetti et al. (2008) afirmam que por meio do trabalho em rede há a combinação de inteligência, conhecimento e criatividade para conseguir avanços na criação de riqueza e de desenvolvimento social. Além disso, segundo os mesmos autores, a era da inteligência em rede é promissora e cheia de oportunidades. Os vínculos estabelecidos entre os integrantes conectam seus interesses e estabelecem uma relação social baseada na troca de conhecimentos.

Quanto ao sucesso de uma estrutura em rede Tálamo (2008) expõe que o sucesso é efetivo quando tal estrutura é elaborada em caráter motivacional com objetivos claros e comuns para as empresas integrantes. Empresas que atuam no mercado visando o fortalecimento do capital intelectual devem estabelecer ligações com outras empresas que atuam no mesmo ramo ou de atividade similar. Conforme Malafaia et al. (2007), a ocorrência do capital social, que surge com a presença de uma conexão em rede, estimula o surgimento de relações de confiança e colaboração. O mesmo autor indica que a confiança é, simultaneamente, estímulo e empecilho e sua construção interorganizacional é uma barreira perante a formação e estabelecimento de confiança numa estrutura em rede que estabelece e molda a intensidade dos laços estratégicos em relação à evolução e sucesso.

AS REDES NO ÂMBITO NACIONAL E INTERNACIONAL

O Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, no Livro Azul da 4ª Conferência Nacional de Ciência Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, publicado em 2010, indica a necessidade das redes para o aumento da concorrência. Há no país a necessidade crescente de atuação em rede dos diversos atores envolvidos, dos setores públicos e privados, e abertura para atuação articulada em nível nacional e internacional, pois o ambiente gerado pela sociedade do conhecimento remete a desafios constantes com relação à globalização e internacionalização da sociedade atual (MCTI, 2010).

No Brasil, recentemente foram mapeadas 36 redes com atuação regional e com foco em diferentes temáticas, sendo: inovação, redes que congregam habitats de inovação (como parques, incubadoras, centros de inovação e sistemas inovativos), redes de núcleos de inovação tecnológica, redes sobre propriedade intelectual e, mais recentemente, as redes de investidores.

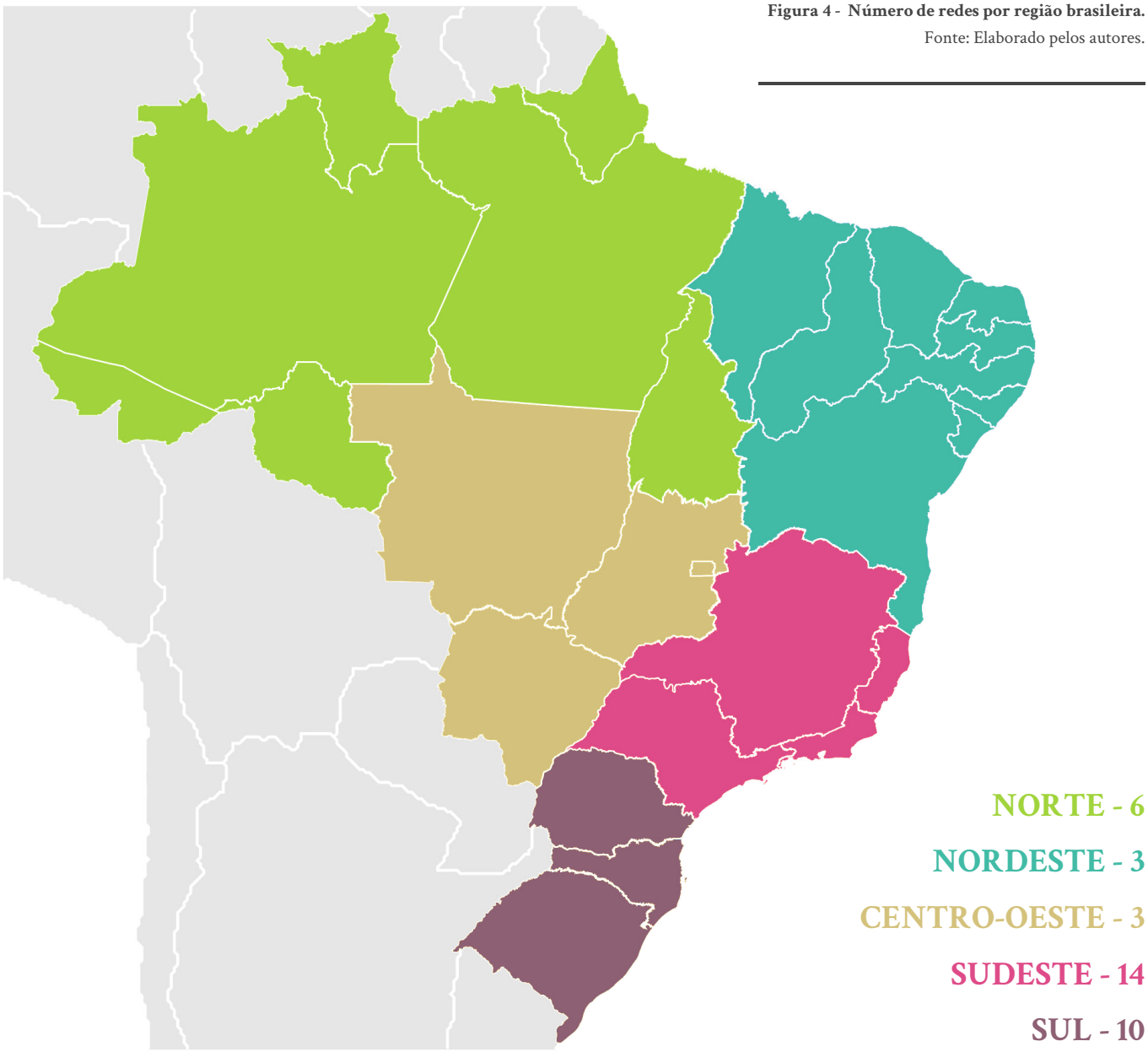
Região	Estado	Nome da Rede	Tipologia de rede
Norte	Acre	Rede Incubadoras Brasil Criativo	Habitats de Inovação
	Amazonas	Rede de Núcleos de Inovação Tecnológica Amazônia Oriental	NIT
	Amazonas	Rede Amazônica de Instituições em Prol do Empreendedorismo e da Inovação	Habitats de Inovação
	Amazonas	Arranjo NIT da Amazônia Ocidental (AMOCI ou Arranjo NIT Amazônia Ocidental)	NIT
	Pará	Redes – Inovação e Sustentabilidade Econômica	Inovação
	Tocantins	Rede ULBRA de Inovação	Habitats de Inovação
Nordeste	Bahia	Rede Núcleo de Inovação Tecnológica Nordestina	NIT
	Ceará	Rede de Núcleos de Inovação Tecnológica do Ceará	NIT
	Ceará	Rede de Incubadoras de Empresas do Ceará	Habitats de Inovação
Centro-Oeste	Goiás	Rede de Pesquisa em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia	Propriedade Intelectual
	Mato Grosso do Sul	Rede Mato Grosso do Sul e Pantanal Incubadora Mista de Empresas	Habitats de Inovação
	Brasília	Rede Centro Oeste de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – Pró-Centro-Oeste	Inovação
Sudeste	São Paulo	Rede Paulista de Centros de Inovação Tecnológica	Habitats de Inovação
	São Paulo	Rede Paulista de Incubadoras de empresas de base tecnológica	Habitats de Inovação
	São Paulo	Rede Paulista de Incubadoras	Habitats de Inovação
	São Paulo	Rede Paulista de Núcleos de Inovação Tecnológica	NIT

Sudeste	São Paulo	Sistema Paulista de Parques Tecnológicos	Habitats de Inovação
	São Paulo	Rede Paulista de Inovação em governo	Inovação
	São Paulo	Núcleo de Inovação Tecnológica Mantiqueira (Arranjo NIT Mantiqueira)	NIT
	Rio de Janeiro	Rede de Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro	Inovação
	Rio de Janeiro	Rede de Incubadoras, Parques Tecnológicos e Pólos do Rio de Janeiro	Habitats de Inovação
	Rio de Janeiro	Rede de Pesquisa em Sistemas e Arranjos Produtivos e Inovativos Locais	Habitats de Inovação
	Rio de Janeiro	Núcleo de Inovação Tecnológica NIT Rio (Arranjo NIT Rio)	NIT
	Minas Gerais	Rede Mineira de Inovação	Inovação
	Minas Gerais	Rede Mineira de Propriedade Intelectual	Propriedade Intelectual
	Minas Gerais	Rede de inovação de Itajubá	Inovação
Sul	Rio Grande do Sul	Rede Gaúcha de Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos	Habitats de Inovação
	Rio Grande do Sul	Rede Gaúcha de Propriedade Intelectual	Propriedade Intelectual
	Rio Grande do Sul	Rede de Investidores Sociais	Investidores
	Santa Catarina	Rede Catarinense de Inovação	Inovação
	Santa Catarina	Rede de Investidores Anjo	Investidores
	Santa Catarina	Rede de Investidores Sociais	Investidores
	Paraná	Rede Paranaense de Tecnologia e Inovação	Inovação
	Paraná	Rede de Inovação	Inovação
	Paraná	Rede de Núcleos de Inovação Tecnológica e Empreendedorismo	NIT
	Paraná	Rede de Investidores Sociais de Curitiba e Região	Investidores

As maiores concentrações das redes estão na região Sudeste seguido pelas redes da região Sul, assim como ilustra a Figura 4.

Em âmbito nacional algumas redes podem ser citadas como a **Anjos do Brasil**, **Rede Fab Lab Brasil**, **Rede Global de Empreendedorismo – Brasil**, **Rede Cidade Digital**, **Rede de Inovação no Setor Público** e **Rede de Cidades Inteligentes e Humanas**. Entretanto, ainda faltam estudos aprofundados que evidenciem essas redes em âmbito nacional e que tenham abrangência e relevância em todo o território brasileiro.

Figura 4 - Número de redes por região brasileira.
Fonte: Elaborado pelos autores.



Ainda no âmbito de Ciência, Tecnologia e Inovação, as redes mundiais podem ser citadas. Segundo a Comissão Europeia (2004) mais da metade das pequenas e médias empresas apresentam práticas de cooperação – formais ou informais. Os países de destaque são Finlândia, Islândia, Dinamarca e Itália. Considerando os habitats de inovação, há redes em âmbito global, como por exemplo, a *Association of University Research Parks* (AURP), *Global Business Incubation Network* (GBIN), *International Association of Science Parks and Areas of Innovation* (IASP), *International Business Innovation Association* (INBIA), *Science Park and Innovation Center Experts* (SPICE Group). O SPICA Directory apresenta algumas das redes que são consideradas multi-nacionais.

O **SPICA Directory** ainda mantém um mapa interativo que além das redes apresenta outras informações associadas a inovação e aos habitats de inovação, como as incubadoras, parques científicos e tecnológicos, etc. A Figura 5 ilustra o mapa disponibilizado.

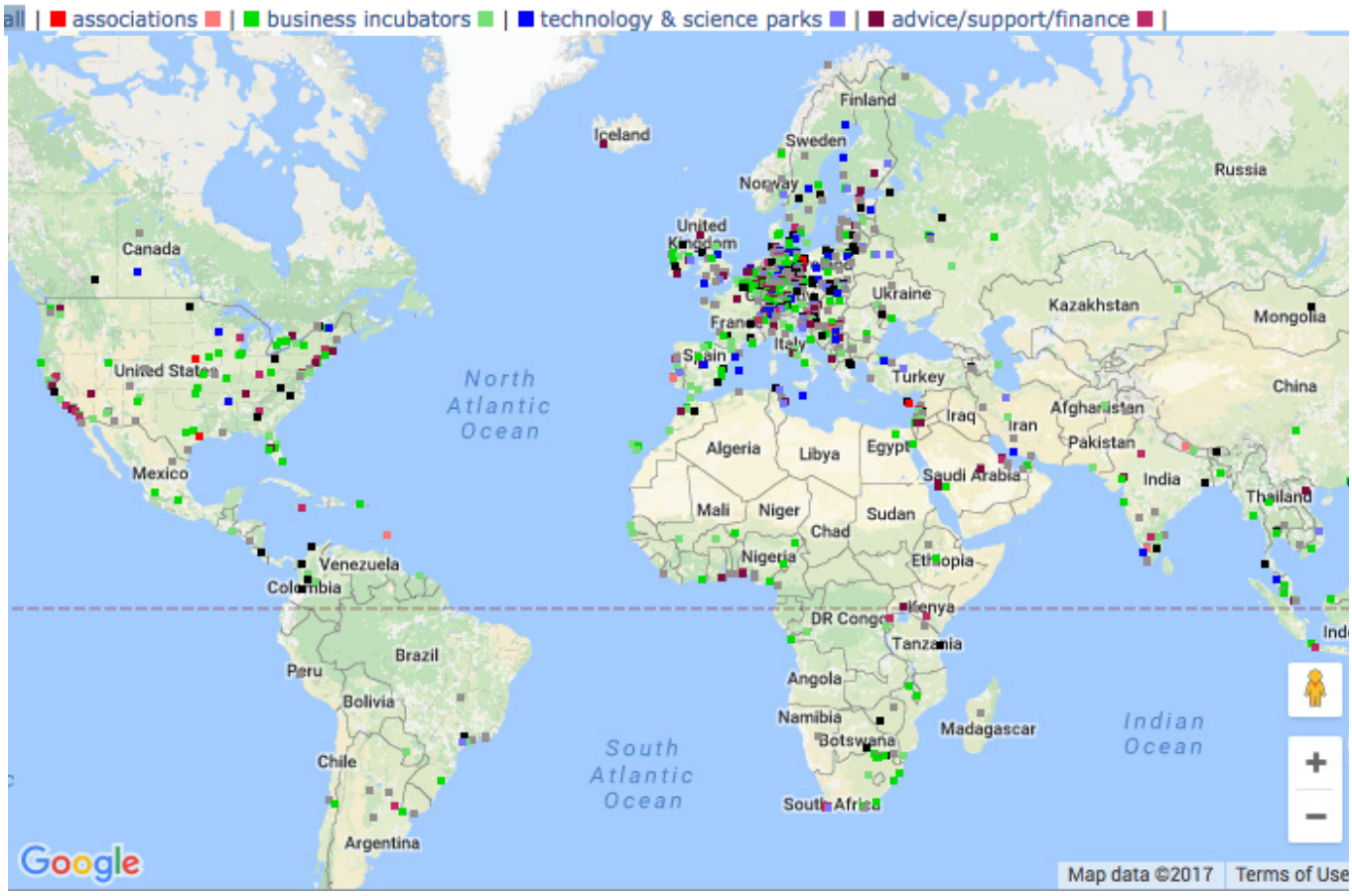
Semana Global do Empreendedorismo Brasil

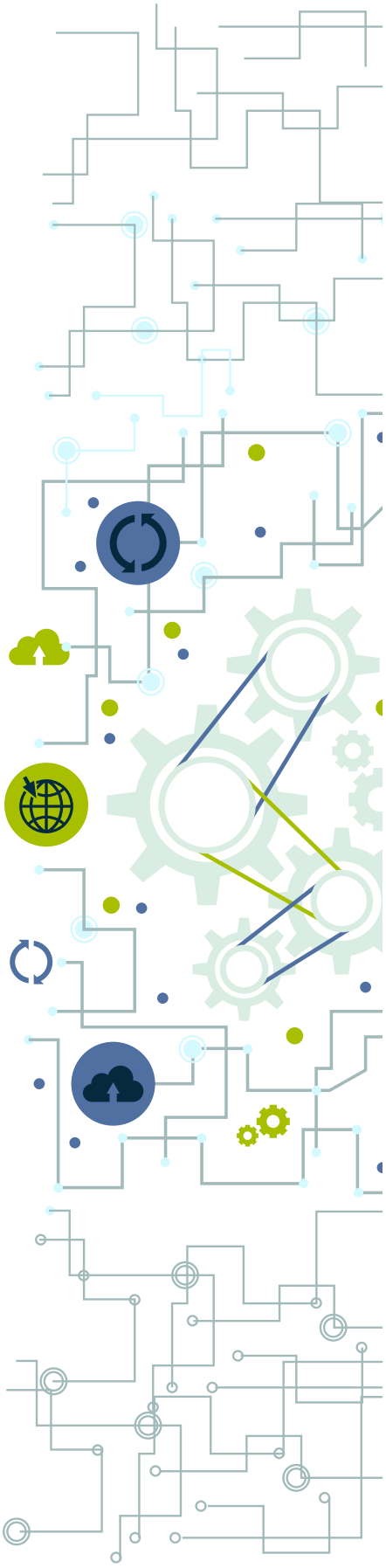
rede CIDADE DIGITAL

InovaGov Blog da Rede de Inovação no Setor Público

REDE BRASILEIRA DE CIDADES INTELIGENTES & HUMANAS

Figura 5 - Mapa das redes e habitats de inovação. Fonte: SPICA Directory. Fonte: http://www.spica-directory.net/map/?showall=1





A congregação de habitats de inovação como parques de ciência e tecnologia, incubadora, centros de negócio e polos tecnológicos dá formato às redes listadas e geralmente estão atrelados às universidades em prol do compartilhamento de conhecimento, sustentabilidade e construção de inovação e tecnologia nos locais onde se instalam dando origem a sinergia entre os entes das redes estabelecidas. No momento em que há o compartilhamento de conhecimentos e habilidades há a aprendizagem organizacional, que como consequência gera novos conhecimentos, logo, impulsiona as inovações (TOMAÉL, ALCARÁ, DI CHIARA, 2005).

A reunião de instituições como universidades, fundações, associações do setor privado, instituições governamentais e municipais promove a formação, incubação e desenvolvimento de novas empresas de base tecnológica e de inovação e auxiliam os empresários locais a transformarem suas ideias em soluções inovadoras, o que segundo os autores Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005) gera desenvolvimento local e riqueza para a comunidade na qual ocorre.

Neste contexto, Debresson e Amesse (1991) indicam que a delimitação do objeto de estudo das redes de inovação, por exemplo, caracteriza-se por redes interorganizacionais envolvendo principalmente empresas inovadoras, além de outros atores como governo, universidades, centros de pesquisa e agentes financeiros. Em contraponto, nas redes multinacionais de habitats de inovação se observa que as atividades estão voltadas principalmente ao fortalecimento de incubadoras e consequentemente de suas empresas incubadas. Há ainda aquelas ligadas aos parques científicos e tecnológicos que também seguem na mesma direção. O intercâmbio de informações, a promoção da inovação e empreendedorismo, a facilitação de transferência de tecnologia também são preocupações encontradas nas descrições das 100 redes listadas e analisadas. O objeto de cada uma irá direcionar o olhar e atuação da mesma em prol de seus desenvolvimentos. De maneira geral, o que se observa é um resultado à luz do desenvolvimento conjunto nos campos de tecnologia científica, indústria e da economia na região, bem como o fortalecimento do ecossistema gerado diante de tais interações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

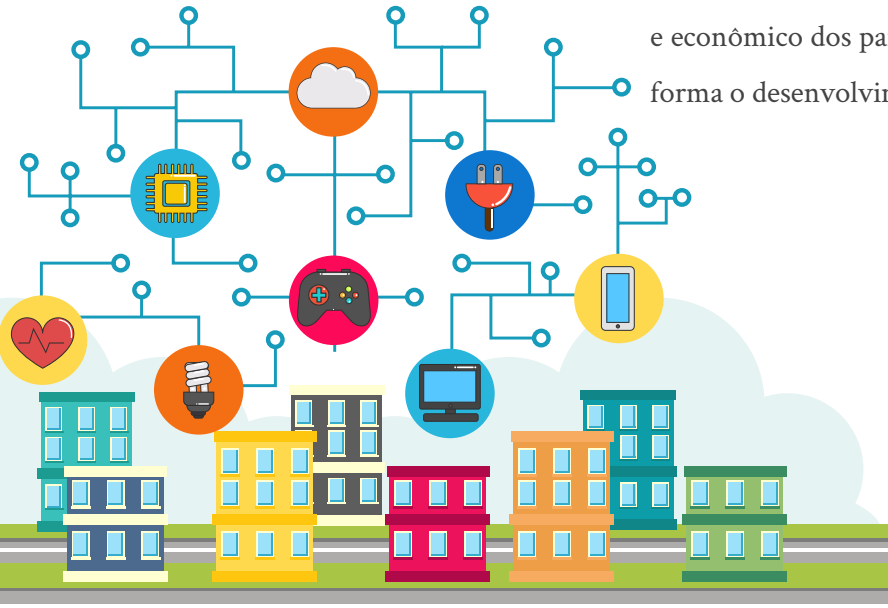
O presente estudou buscou descrever e analisar a nova relação social que é baseada no conhecimento – as redes. O trabalho em rede atrela inteligência, conhecimento e criatividade e quanto mais claros e comuns forem os objetivos dos associados, maior o sucesso da relação estabelecida.

Além disso, independentemente da tipologia de redes e de como estas se configuram há benefícios de uma estrutura em rede. Dentre estes benefícios se pode citar: o compartilhamento de conhecimento entre seus participantes; o aumento de concorrência; a ligação do conhecimento de produtores, fornecedores e usuários e a troca rápida de informação e processos decisórios conjuntos.

No Brasil, há 36 redes com foco regional em atuação. Com atuação temática, as redes agem em prol da inovação, dos habitats de inovação, dos núcleos de inovação tecnológica, da propriedade intelectual e dos investidores. A maior concentração das redes está na região Sudeste do país, onde 14 redes foram encontradas, seguido da região sul com 10 redes e norte que totaliza 06. As regiões nordeste e centro-oeste são as regiões que menos se destacam na quantificação das redes, pois possuem cada, 03 redes. Entretanto, vale salientar que as redes com

presença em todo o território nacional, como as redes Anjos do Brasil, Rede Fab Lab Brasil, Rede Global de Empreendedorismo – Brasil, Rede Cidade Digital, Rede de Inovação no Setor Público e Rede de Cidades Inteligentes e Humanas não foram foco da análise mas que devem ser analisadas em estudos futuros, pois apresentam contribuição nos seus focos de atuação e congregam muitas das redes indicadas regionalmente.

No cenário internacional, diversas são as redes existentes e suas atuações são favoráveis ao fortalecimento do ecossistema empreendedor e inovador, facilitando assim a conexão dos profissionais da área com as organizações, bem como a interação entre estas. No presente estudo, ao menos são pontuadas 60 redes internacionais e a temática habitats de inovação destaca-se com um total de 50 redes, seguido da temática inovação que possui 08 e investidores que possui apenas 02 redes. De maneira geral, as redes atuam na reunião de entidades como universidades e instituições governamentais e privadas, e buscam o compartilhamento de conhecimento e colaboração entre seus associados, o aprimoramento da cultura de investimento, o desenvolvimento nos campos da tecnologia científica, indústria e economia, bem como a formação, incubação e desenvolvimento de novas empresas de base tecnológica e de inovação em prol do progresso social e econômico dos países nos quais estão instaladas, fomentando dessa forma o desenvolvimento humano, a riqueza e a criação de emprego.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMATO NETO, J. Redes de cooperação produtiva e clusters regionais: oportunidades para as pequenas e médias empresas. São Paulo: Atlas, 2000.

ARAÚJO, E. F.; BARBOSA, C. M.; QUEIROGA, E. S.; ALVES, F. F. Propriedade Intelectual: proteção e gestão estratégica do conhecimento. Revista Brasileira de Zootecnia, v. 39 p. 01-10, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-35982010001300001>. Acesso em 04 de agosto de 2015.

ARRANJO NIT DA AMAZÔNIA OCIDENTAL (AMOCI OU ARRANJO NIT AMAZÔNIA OCIDENTAL). 2016. Disponível em: <http://www.nitrio.org.br/?pgn=NITs%20do%20MCTI#>. Acesso em 04 de agosto de 2015.

ASSOCIATION OF UNIVERSITY RESEARCH PARKS. Disponível em:< http://www.aurp.net/>. Acesso em 19 de setembro de 2016.

BALESTRIN, A.;VERSCHOORE, J.; REYES JÚNIOR,. E. O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil. Revista de Administração Científica, v.14, n. 3, p. 458-477, 2010.

CÂMARA, J. F.; ROCHA, L. G.; IPIRANGA, A. S. R. As redes institucionais de apoio aos arranjos produtivos locais da Bahia e do Ceará: um estudo comparativo. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (EnANPAD), 30, 2006, Salvador. Anais eletrônicos... Salvador: ANPAD, 2006.

CAMARINHA-MATOS, L. M., AFSARMANESH, H. (Eds). Collaborative Networks: reference modeling. New York: Springer, 2008.

CAPRA, F. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARVALHO, M. M.; SERRA, N.; LAURINDO, F. J. B. Strategic choices in Brazilian textile & apparel industries. In: EUROPEAN OPERATIONS MANAGEMENT ASSOCIATION & PRODUCTION AND OPERATIONS MANAGEMENT SOCIETY - FIRST JOINT

CASTELLS, M. A.; CARDOSO, G. A (Org.). A sociedade em rede: do conhecimento à acção política. Imprensa Nacional–Casa da Moeda: Belém-Portugal, 2005.

DEBRESSON, C.; AMESSE, F. Networks of innovators: a review and introduction to the issue. Research Policy, v.20, p.363-379, 1991.

European Commission. Observatory of European SMEs 2003, No. 5 – SMEs and cooperation. 2004.

FUSCO, J. P. A. Redes produtivas e cadeias de fornecimento. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

GRANDORI, A.; SODA, G. Inter Firm Networks: Antecedents, Mechanism and Forms. Organization Studies, v. 16, n. 2, p. 183-214, 1995.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCIENCE PARKS AND AREAS OF INNOVATION. Disponível em: <http://www.iasp.ws/>. Acesso em 19 de setembro de 2016.

INTERNATIONAL BUSINESS INNOVATION ASSOCIATION. Disponível em: <https://www.inbia.org/about/about-us>. Acesso em 19 de setembro de 2016.

KÜPPERS, G.; PYKA, A. The self-organization of innovation networks: introductory remarks in innovation networks. Theory and Practice, Cheltenham: Edward Elgar, 2002.

MALAFAIA, G. C.; WEGNER, D.; MACIEL, A. C.; CAMARGO, M. E. Capital Social e a Construção da Confiança em Redes de Cooperação: Mudando padrões de relacionamento na pecuária de corte. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO - EnANPAD, 31., 2007, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

MILES, R. E.; SNOW, C. C. Organizations: new concepts for new forms. California Management Review, v. 28, n. 3, p. 62-73, 1986.

MCTI. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. Disponível em: <http://www.mcti.gov.br/> Acesso em 15 de setembro de 2016.

NÚCLEO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGIA MANTIQUIERA. Disponível em: <ttp://www.nitmantiqueira.org.br/portal/>. Acesso em 31 de março de 2018.

NÚCLEO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NIT Rio. 2016. Disponível em: <http://www.nitrio.org.br/?>. Acesso em 19 de dezembro de 2016.

OLAVE, M. E. L.; AMATO NETO, J. (2001). "Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas". Gestão e Produção, número 3, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 289-318.

SPICE GROUP: Science Park and Innovation Center Experts. Disponível em: <http://www.spice-group.de/>. Acesso em: 02 abr. 2018

SPICE GROUP. GBIN: Global Business Incubation Network. Disponível em: <http://www.spice-group.de/summit/>. Acesso em: 02 abr. 2018

PORTER, M. E. The competitive advantage of nations. New York: Free Press, 1990.

REDE AMAZÔNICA DE INSTITUIÇÕES EM PROL DO EMPREENDEDORISMO E DA INOVAÇÃO, 2016. Disponível em: <http://www.mentorbr.com/rami/index.asp>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE CATARINENSE DE INOVAÇÃO, 2016. Disponível em: <http://recepeti.org.br/> Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE CENTRO OESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO – PRÓ-CENTRO-OESTE, 2016. Disponível em: <http://redeprocentrooeste.org.br/redepro/index/i/9/quem-somos>. Acesso em 16 de dezembro de 2016.

REDE DE INCUBADORAS DE EMPRESAS DO CEARÁ, 2016. Disponível em: <http://rededeincubadoras.wix.com/rede>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE INCUBADORAS, PARQUES TECNOLÓGICOS E PÓLOS DO RIO DE JANEIRO, 2016. Disponível em: <http://www.itcp.coppe.ufrj.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE INOVAÇÃO DE ITAJUBÁ, 2016. Disponível em: <http://inovacaoitajuba.com.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE INOVAÇÃO, 2016. Disponível em: <http://www.redeinovacao.org.br/Paginas/SobreaRededeInov>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE INVESTIDORES SOCIAIS, 2016. Disponível em: http://gife.org.br/. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE INVESTIDORES SOCIAIS DE CURITIBA E REGIÃO, 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/Rede-de-Investidores-Sociais-de-Curitiba-e-Regi%C3%A3o-987299487974591/>. Acesso em 19 de dezembro de 2016.

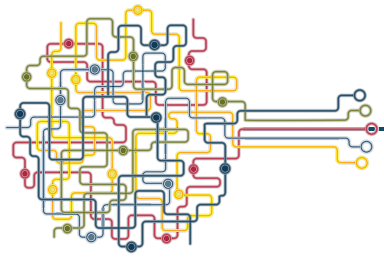
REDE DE NÚCLEOS DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NORDESTINA, 2016. Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE NÚCLEOS DE INOVAÇÃO TECOLÓGICA AMAZÔNIA ORIENTAL, 2016. Disponível em: <http://www.redenamor.org/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE NÚCLEOS DE INOVAÇÃO TECOLÓGICA DO CEARÁ, 2016. Disponível em: <http://www.redenitce.com.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE NÚCLEOS DE INOVAÇÃO TECOLÓGICA E EMPREENDEDORISMO, 2016. Disponível em: <http://nitpar.pr.gov.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2015.

REDE PAULISTA DE NÚCLEOS DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 2016. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2014/decreto-60286-25.03.2014.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.



REDE DE PESQUISA EM PROPRIEDADE INTELECTUAL E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA, 2016. Disponível em: <http://www.reppittec.org.br/home/index.asp>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE PESQUISA EM SISTEMAS E ARRANJOS PRODUTIVOS E INOVATIVOS LOCAIS, 2016. Disponível em: <http://www.redesist.ie.ufrj.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2016. Disponível em: <http://www.redetec.org.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE GAÚCHA DE INCUBADORAS DE EMPRESAS E PARQUES TECNOLÓGICOS, 2016. Disponível em: <http://www.reginp.org.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE GAÚCHA DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sedetec-intranet/rgpi/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE INCUBADORAS BRASIL CRIATIVO, 2016. Disponível em: <http://culturadigital.br/brasilcriativo/rede-de-incubadoras-brasil-criativo/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE DE INVESTIDORES ANJO, 2016. Disponível em: <https://www.acate.com.br/node/76052> Acesso em 15 de dezembro 2016.

REDE DE INVESTIDORES SOCIAIS, 2016. Disponível em: <http://www.icomfloripa.org.br/> Acesso em 15 de dezembro 2016.

REDE MATO GROSSO DO SUL E PANTANAL INCUBADORA MISTA DE EMPRESAS, 2016. Disponível em: <http://pime.sites.ufms.br/%23/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE MINEIRA DE INOVAÇÃO, 2016. Disponível em: <http://www.rmi.org.br/rmi/Home>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE MINEIRA DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, 2016. Disponível em: <http://www.cppi.ufv.br/pt-BR/rede-mineira-pi>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE PARANAENSE DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 2016. Disponível em: <http://www.reparte.org.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE PAULISTA DE CENTROS DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 2016. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/centros-de-inovacao>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE PAULISTA DE INCUBADORAS DE EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA, 2016. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/rede-paulista-de- >. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE PAULISTA DE INCUBADORAS, 2016. Disponível em: <http://www.rpinovacao.org.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE PAULISTA DE INOVAÇÃO EM GOVERNO, 2016. Disponível em: <http://igovsp.net/sp/a-rede/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDE ULBRA DE INOVAÇÃO, 2016. Disponível em: <http://ulbratech.com.br/v1/?page_id=189>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

REDES – INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA, 2016. Disponível em: <http://www.redesfiepa.org.br/quem-somos>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

ROSSETTI, A.; PACHECO, A. P. R.; SALLES, B.; GARCIA, M.; SANTOS, N. A organização baseada no conhecimento: novas estruturas, estratégias e redes de relacionamento. Ciência da Informação, v. 37, n. 1, p. 61-72, 2008.

SILVA, G.; HEBER, F. (2014). "Ecologia organizacional e teoria de redes: uma análise contemporânea da formação de APL ś". Gestão e Regionalidade, número 88.

SISTEMA PAULISTA DE PARQUES TECNOLÓGICOS, 2016. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/parques--tecnologicos>. Acesso em 26 de dezembro de 2016.

SPICA DIRECTORY. Disponível em: <http://www.spica-directory.net/>. Acesso em 19 de setembro de 2016.

STORPER, M.; HARRISON, B. Flexibility, hierarchy and regional developments: the changing structure of industrial production systems and their forms of governance in the 1990s. Research Policy, v. 20, n. 5, p. 72-96, 991.

SWEDISH INCUBATORS & SCIENCE PARKS. Disponível em: <http://www.sisp.se/?language=en>. Acesso em 19 de setembro de 2016.

TÁLAMO, J. R. Formação e gestão de redes de cooperação empresarial. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

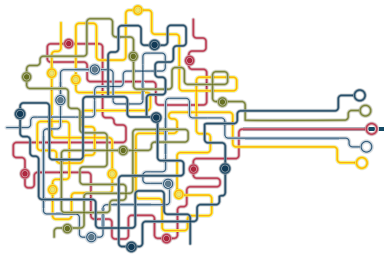
TÁLAMO, J. R.; CARVALHO, M, M. Redes de cooperação com foco em inovação: um estudo exploratório. Gestão & Produção, v. 17, n. 4, p. 747-760, 2010.

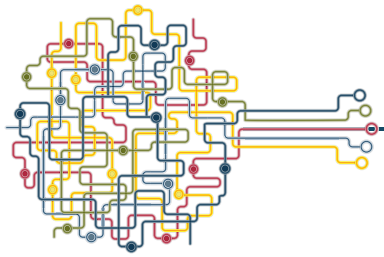
THOMPSON, G. Between hierarchies and markets: the logic and limits of network forms of organization. Oxford University Press on Demand, 2003.

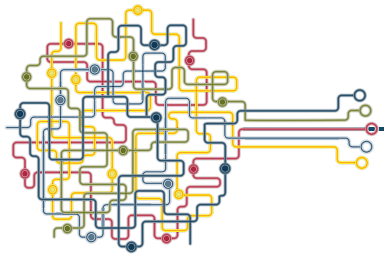
TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. Ciência da informação, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005.

VERSCHOORE, J. R.; BALESTRIN, A. Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação entre empresas do Rio Grande do Sul. Revista de Administração de Empresas, v. 12, n. 4, p. 1043-1069, 2008.

WAGNER, A.; TEIXEIRA, C. S.; GARCIA, L. J.; MERINO, E. A. D. (2014). Aglomeração de Empresas: características, prerrogativas e governança em Arranjos Produtivos Locais (APL's). In: Adriano Wagner; Dionise Magna Juchem; Cláudio Edilberto Höfler. (Org.). Gestão e Negócios: estratégias, processos e ferramentas para o desenvolvimento organizacional. 1ed. Santa Rosa: Instituto Federal Farroupilha, p. 81-104.







Realização

VIA Estação Conhecimento

LA MÍDIA GRUPO DE PESQUISA MÍDIA E CONHECIMENTO UFSC

EGC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Apoio

FAPESC Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina

GOVERNO DE SANTA CATARINA Secretaria do Desenvolvimento Econômico Sustentável